

Portugal: um sucesso

Publicação: [O Mundo em Português Nº60](#)

Data de Publicação: Dezembro de 2005

Autor: Angel Viñas

Para um espanhol lusófilo, como o que escreve estas linhas, a comparação entre o Portugal de hoje e o de há vinte e cinco anos é uma história de sucessos, provavelmente insuficientemente valorizados no próprio país lusitano.

Pertença a essa geração de espanhóis que começou a visitar Portugal depois da Revolução dos Cravos. Segui, desde então, com alguma atenção, os altos e baixos da política e da economia portuguesas. O Portugal de hoje tem pouco a ver com o daqueles anos e distanciou-se velozmente do que era quando aderiu, como a Espanha, à então Comunidade Europeia, em 1986.

É inevitável fazer comparações entre os dois países. Existem, no entanto, três contrastes fundamentais que sempre me chamaram a atenção. O primeiro é económico. Em 1986, Espanha era um país que se encontrava solidamente ancorado na via da industrialização. Para um espanhol, Portugal, pelo contrário, ainda tinha uma forte componente rural.

Os economistas explicam de diversas formas as razões desta divergência. Na minha opinião, há um factor fundamental. A ditadura franquista teve a vocação, desde cedo, de promover a industrialização do país. Não o fez propriamente bem, mas fê-lo. E, naturalmente, esse processo continuou durante os anos sessenta, a década dourada da expansão económica ocidental, na qual a Espanha participou plenamente.

A ditadura salazarista foi muito mais reticente. Uma industrialização rápida teria alterado, como alterou em Espanha, a ordem social tradicional. O franquismo pôde fazê-lo porque tinha a memória da guerra e existia a vontade de manter as modestas conquistas que a classe média tinha conseguido e que, de alguma forma, se tinham prolongado à própria classe operária.

O segundo contraste é de inserção internacional. Portugal estava solidamente ancorado em organismos militares e económicos que promoviam a segurança e a prosperidade

européias (NATO, EFTA), dos quais a ditadura espanhola estava profundamente afastada e sem perspectivas de vir a neles participar.

A partir desta situação, a entrada na Comunidade, em 1986, favoreceu a reestruturação da economia e da sociedade portuguesas e pôs Portugal no único caminho possível: procurar e defender o seu próprio lugar no quadro da Europa do futuro. Foi um desafio muito mais duro do que o que se erguia perante o futuro espanhol. Portugal, aliás, e este é o terceiro contraste, acabava de perder um império. A Espanha já o tinha perdido em 1898 e as suas ambições extra-européias terminaram com a independência de Marrocos, a guerra de Ifni-Saara, a descolonização da Guiné e a «marcha verde» de 1975. Representavam, aliás, meros sonhos de uma casta militar, precisamente daquela que a nascente democracia espanhola deveria vergar e civilizar.

A participação num projecto comum, sobretudo no processo de aprofundamento da construção europeia, até ao recente descalabro na ratificação da primeira Constituição para a União, aproximou a Espanha de Portugal, permitiu ultrapassar velhos clichés e criou interesses comuns frente a um espaço integrado mais amplo, mais heterogéneo, e por que não dizê-lo, mais difícil.

Nos últimos 30 anos, Portugal deu mostras de uma grande flexibilidade e soube estar à altura dos desafios, tanto internos como externos. Os novos, os que surgem agora, porão à prova o bom génio português. Quem escreve estas linhas conta-se entre aqueles que não têm nenhuma dúvida de que Portugal saberá enfrentá-los.